

Salmo 38:

um grito de socorro

Psalm 38: a cry for help

Tércio Machado Siqueira *

* Doutor em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo). Mestre em Artes (School of Theology at Claremont, Claremont).

Professor titular da Universidade Metodista de São Paulo, Brasil.

tmsiqueira@uol.com.br

Recebido em: 17/06/2020

Aprovado em: 20/04/2021

Licença Creative Commons
CC BY 4.0



abib
Associação Brasileira
de Pesquisa Bíblica

Resumo

Entre as lamentações incluídas no Saltério, o Salmo 38 mostra o drama de um fiel javista que expõe seus problemas pessoais, no culto doméstico. Seu principal lamento diz respeito à sua enfermidade física, porém ele o estende à fuga dos amigos e suas próprias faltas. Apesar das duras limitações que o impedem de ter uma vida feliz, ele se revela uma pessoa confiante na resposta de Deus. O lamento desse salmista possibilita o exercício do cuidado pastoral.

Palavras-chave: Lamentação; esperança; cuidado pastoral.

Abstract

Psalm 38 describes a drama of a faithful Jew. He shared his problems in a family celebration. His main complaint is about his physical illness. Also, he spoke that he is missing his friends, and about his own sins. The hard physical limitations hinder him from achieving happiness. However, he trusted in God. The suffering of the complainer offers a good opportunity to exercise pastoral care.

Keywords: Lament; hope; pastoral care.

1 Introdução

O Salmo 38 expõe uma passagem frequente para a pastoral. O fato de ser fiel a Deus não impediu que as dores da enfermidade atingissem o queixoso salmista. Apesar dos pesares, ele não perdeu a sua confiança e esperança no socorro de Javé.

O Salmo mostra uma lamentação diferenciada. Gerstenberger (1988; 2015) analisa este salmo como um dos mais impressionantes lamentos individuais do saltério. O compositor dedica quase toda sua poesia para descrever sua vida de miséria e sofrimento físico. Da mesma forma, este salmo expõe o desafio ao exercício do cuidado pastoral.

2 Forma e lugar

Esta composição, por sua tipologia literária expõe uma queixa (conforme versos 3-9.10-15 e 18-21) que faz parte do grupo de salmos conhecidos como lamento individual, segundo Gerstenberger (1988): (Sl 3-7; 11-13; 17; 22; 26-28; 31; 35; 38-39 e mais 26 hinos. Isso fica claro na sua forma de organização. O Salmo 38 abre com um apelo para que Javé não lhe reprove (v. 2) e encerra com um pedido urgente de socorro (v. 22-23). O núcleo desta composição mostra três blocos de lamento: no primeiro (v. 3-9), o salmista expõe a sua difícil situação de enfermidade que atinge o seu corpo físico. No segundo lamento (v. 10-15), ele abre um novo relato de enfermidade que, agora, está atingindo o seu lado psicológico.

Essa sequência de lamentos é interrompida por uma declaração de confiança na ação de Javé em seu favor (v. 16-17). Na terceira parte do lamento (v. 18-21), o salmista guarda o tom de confiança e passa a confessar a sua culpa. Essa liturgia encerra com três pedidos de ajuda (v. 22-23).

O lugar vivencial deste salmo encontra-se nas cerimônias de cura, realizadas nas casas onde residia o doente. A prática da fé, revelada neste salmo, mostra como a religiosidade pessoal e a religião oficial se aproximaram. No período pré-exílio, esses dois setores religiosos encontravam-se separados. O exercício da fé nas casas era menosprezado pelas autoridades político-religiosas, impondo a um anonimato. Isso foi uma realidade, pois a celebração caseira da Páscoa é recuperada somente no reinado de Josias (2Rs 23,21-23), conforme Albertz (1999).

3 Cabeçalho

O cabeçalho deste salmo possui três informações: “Salmo. Para/de Davi. Para lembrar” (v. 1a). As duas primeiras são frequentes nos cabeçalhos, porém, a terceira expressão, *lehasz kir* (para lembrar, Sl 70) é um tanto enigmática. O livro de Levítico menciona um ritual de sacrifício (Lv 2,2.9.16) que consistia em uma oferta composta por uma porção de farinha misturada ao óleo e ao incenso. A queima desses três ingredientes exalava um cheiro agradável: o incenso perfumado. O nome desse ritual é *’az karah* (oferta queimada), que proporcionava um sacrifício agradável a Deus. O procedimento desse ritual, também era explicado pela palavra *lehasz kir*, mencionada nos cabeçalhos dos Salmos 38 e 70. Como esses dois salmos contêm lamento e pedido. Este termo pode ser interpretado como uma oração para trazer à memória todos os pecados do salmista para serem queimados como uma oferta de incenso, agradável a Deus. Como a intenção dos Salmos 38 e 70 aponta para o livramento, em razão da agressão de inimigos, é possível que a expressão “para lembrar”, seja um apelo para que os celebrantes lembrem do nome de Javé.

4 Apelo inicial

O apelo do salmista faz parte da forma de um salmo de lamentação. É a parte central de todas as queixas. No apelo, o queixoso pede a ajuda divina:

Javé, que não me repreendas (*yakah*), em tua fúria (*qésep*);
e que nem me disciplines (*yasar*), em teu furor (*hemah*) (v. 2).¹

Este apelo tem algo diferente, comparado aos demais salmos deste gênero: o salmista não apela para que Javé o ouça e o ajude. Sua súplica é para que ele não o repreve com energia e não o castigue. Essa maneira de entender a ação de Deus não é comum a todo o Antigo Testamento. O salmista assume uma tradição que vê Javé como um Deus que pune com furor e fúria todos os pecados humanos (BORTOLINI, 2000).

O uso dos verbos *yakah* (reprovar) e *yasar* (castigar) ganha intenção agressiva com o uso dos dois adjetivos *qésep* (fúria) e *hemah* (raiva, ira), que modelam e intensificam a ação divina de repreender o pecador. Para o salmista, a disciplina de Deus é forte e dura. É importante lembrar que há diferentes tradições teológicas no Antigo Testamento que tocam neste tema. É necessário observar que nos quarenta Salmos de Lamentação, poucas vezes se observa a menção da cólera de Deus agindo contra o pecado (Sl 25; 32; 38; 51; 130).

5 Lamento e confissão de pecado

A queixa do salmista é extensa (v. 3-9). Ela é apresentada em três partes, encabeçadas pela partícula *ki* (eis que, v. 3-4; 5-7 e 8-9). Na primeira parte do lamento (v. 3-4), o salmista descreve o que está acontecendo com ele:

Eis que! Tuas flechas (*heši*), penetram (*naḥat*) em mim,
e sobre mim abateu-se (*naḥat*) tua mão (*yad*);
não há parte sadia (*metom*), na minha carne (*baśar*), por causa de tua maldição
(*za'am*).
Não há saúde (*šalom*), em meus ossos (*'ešem*), por causa de meu pecado (*ḥaṭa'*) (v. 3-4).

Esta composição é típica do período pós-exílio: oração individual pronunciada em função do sofrimento, em vista da enfermidade, provavelmente, vinda da idade avançada. O salmista, aqui, expõe sua condição de saúde: “Não há parte sadia em minha carne” (v. 4a) e “não há saúde em meus ossos” (v. 4b). Seria a velhice, o motivo de seu lamento? Ou seria uma enfermidade desconhecida para ele? Parece que ele não reconhecia essas duas possibilidades, porque ele atribui o seu mal à *za'am* (maldição, v. 4a) e ao seu próprio *ḥaṭa'* (pecado, v. 4b). Porém, o verso 6b confirma a real situação (KRAUS, 1985).

Pouco a pouco, ele vai revelando seu modo de fazer teologia. A frase “por causa da tua maldição” (v. 4a) reflete uma austera tradição teológica que define Javé como um Deus que pune com rigor o pecador. Esta tradição ganhou muita força no período pós-exílio. A expressão adverbial hebraica *mip'enê* (por causa de, v. 6b), que ordinariamente se encontra junto a um substantivo, tem uma função especial na comunicação

¹ Tradução própria.

desta ideia. Assim, junto ao substantivo “maldição”, a expressão “por causa de” assume uma função básica na formação da frase e na argumentação dessa teologia. Ele considera que o agente principal de seu sofrimento é Javé, embora não se isentando da culpa. Portanto, a teologia da retribuição não estava em pauta, pois este lamento vem de um membro da classe baixa. A teologia da retribuição vem da classe alta, conforme o argumento dos amigos de Jó.

A ocorrência do substantivo *za'am* (maldição), aparece no Antigo Testamento, em associação com Javé, 21 vezes, sendo 14 nos livros proféticos e 4 nos Salmos. Basicamente, essas ocorrências pertencem aos períodos do exílio e pós-exílio. Como no Salmo 38, a palavra “maldição” é usada para mostrar a ira de Javé, caracterizada pelos termos *qesep* (ira, fúria, v. 2a; Sl 102,11; Jr 10,10), e *hemah* (raiva, furor, v. 2; Is 65,15). Quando alguém é atingido por essa ira ou maldição, é possível, para essa corrente teológica, saber que o motivo está na transgressão de uma pessoa (v. 4; Sl 78,49). A maldição divina pode também atingir a comunidade israelita (Is 10,5; Ez 21,36), seus líderes (Lm 2,6), os inimigos de Javé (Sl 69,25), nações como o Egito (Sl 78,49), Assíria (Is 30,27.31), Babilônia (Is 13,5) e, enfim, nações estrangeiras (Hab 3,12; Sf 3,8). Para entender a maldição, como forma do agir de Javé, é preciso analisar as circunstâncias históricas quando essa ênfase teológica ganhou força em Israel. Atordoados pelo desastre de 587 aC – destruição de Jerusalém e do templo, exílio para os seus habitantes e perda do rei – os adeptos da ideia que a cidade e o templo nunca seriam destruídos, encontraram na teologia da maldição divina uma justificativa para tal desapontamento. O Salmo 38 é um reflexo dessa teologia. Por fim, é necessário acrescentar que a maldição não era uma decorrência de pecados religiosos, tão somente, mas crimes sociais que traziam prejuízos ao bem-estar da comunidade.

As duas subunidades (v. 5-7 e 8-9) intensificam a descrição da enfermidade pela qual o salmista foi acometido. Para o salmista, Javé foi o grande responsável por essa desagradável situação, porém não mereceu do salmista qualquer censura. Pelo contrário, o salmista aceita a enfermidade com submissão.

Eis que! As minhas transgressões (*'awen*) ultrapassaram (*'abar*) a minha cabeça; como uma carga (*masa'*) pesada (*kabed*), elas pesam (*kabad*) sobre mim.
Tornam-se fétidas (*ba'aš*), apodrecem (*maqqaq*) minhas feridas (*haburah*) por causa da minha insensatez (*'iwelet*).
Eu estou curvado (*'awah*), eu estou prostrado (*šahah*) inteiramente.
Todo dia, eu ando (*halak*) entristecido (*qadar*).
Eis que! Os meus lombos (*kesel*), estão cheios (*mala'*) de queimadura (*qalah*), e não há parte sadia (*metom*) em minha carne (*bašar*).
Eu estou enfraquecido (*pug*) e inteiramente destruído (*dakah*).
O meu coração (*leb*) rosna (*ša'ag*), solta rugidos (*naham*) (v. 5-9).

Neste texto, o salmista compara as suas transgressões a uma pesada carga (v. 5). No contexto deste salmo, a palavra hebraica *masa'* (carga), se refere, especialmente, a um julgamento de Deus por todos os seus pecados. A ira e a enfermidade são decorrências do juízo de Deus. O salmista chama isso de carga pesada. Esta é a teologia do salmista. Na pastoral, deparamos com o pensamento popular do juízo de Deus como consequência de nossas derrotas. A queda de Jerusalém, em 587 aC, trouxe implicações desastrosas para os judeus. O profeta Dêutero Isaías interpretou esse triste acontecimento o sinal de um “novo começo”. A Igreja Cristã tomou este acontecimento

histórico com sobriedade, transformando-o num dos pilares da fé cristã (Is 53; Mt 8,17; Lc 22,37; entre outros).

A descrição de sua enfermidade leva a supor que se trata de uma lepra (v. 6), mas não é possível definir com exatidão. Trata-se, por certo, de uma doença grave (GONZÁLEZ, 1977). Nos versos 8-9, o salmista detalha os sintomas de sua doença e traça um retrato de seu abatimento psicológico.

6 Confiança e lamento

O salmista declara em termos fortes o que a tribulação fez em sua vida:

Adonai, diante de ti está todo meu desejo (*ta'awah*),
e meu gemido (*'anaḥah*) não está escondido (*satar*) de ti.
O meu coração palpita (*saḥar*), minha força (*koḥ*) me abandona (*'azab*);
e a luz dos meus olhos (*'or 'enai*) também não está comigo.
Os que me amam (*'ahab*) e os meus companheiros (*rea'*), para longe (*mineged*),
se colocam (*'amad*), de minha doença (*nega'*)
e meus vizinhos (*karob*) se colocam distantes (*mereḥoq*).
E armam cilada (*naqaš*) os que procuram (*baqaš*) a minha pessoa
e os que buscam (*daraš*) o meu mal (*ra'ah*) falam (*dabar*) de destruição (*hawah*);
e todos os dias proferem (*hagah*) traições (*miremah*).
E eu, como surdo (*ḥereš*), não escuto (*šama'*)
e como o mudo (*'ilem*), que não abre (*pataḥ*) a sua boca (*peh*).
Eu sou como homem (*'i š*), que não ouve (*šama'*)
e não tem réplicas (*tokaḥat*) em sua boca (v. 10-15).

O lamento (v. 3-9) é interrompido pela afirmação de confiança: “Adonai, diante de ti está todo meu desejo (*ta'awah*), e meu gemido (*'anaḥah*) não está escondido (*satar*) de ti (v. 10). O salmista busca Deus de uma forma diferente de outros lamentadores. Enquanto a grande maioria pede insistentemente pela intervenção divina em seu favor (Sl 12; 13; 17), o sofredor do Salmo 38 mostra que ele não tem o direito de apelar por seu livramento, e nem Javé tem a obrigação de atendê-lo. Parece que a intenção maior de sua queixa é não deixar que o seu sofrimento fique às ocultas. No período pós-exílio, a piedade passou a fazer parte da prática religiosa dos judeus. Certamente, o salmista reflete a influência dessa prática.

A forma literária, com que este salmo se apresenta, sugere uma liturgia. O verso 2 abre uma série de quatro apelos para Javé (v. 2.10.16 e 22-23). Cada um desses apelos é seguido por relatos sobre a precária condição física e psicológica do queixoso. Nos versos 10-15, o salmista deixa de falar sobre as desgraças que atingiram a sua estrutura física. Agora, ele relata dois tipos de agressões que estão abalando o seu lado psicológico. Primeiro, nos versos 11-12, o seu tema é o abandono: suas forças se esvaíram (v. 11b); a sua visão não está com ele (v. 11c); os amigos e companheiros não querem saber de sua enfermidade (v. 12a); e, finalmente, os seus vizinhos se mantêm à distância (v. 12b). Em segundo lugar, o queixoso relata uma série de planos contra a sua vida (v. 13-15). Para tanto, os seus inimigos armam ciladas (v. 13a); procuram sua ruína e destruição (v. 13b) e, também, planejam em surdina traições (v. 13c).

Diante da exposição do salmista, é possível observar que ele está dominado pela convicção pessoal que merece ser castigado. Suas palavras são claras: “E eu, como surdo não escuto e como o mudo que não abre a sua boca. Eu sou como homem que não ouve e não tem réplicas em sua boca” (v. 15). Isto nos faz concluir que ele se sente incapaz de reagir às traições e agressões movidas contra ele. Ele prefere ficar mudo e surdo. Será que esta postura vai comover Javé?

7 Afirmação de confiança

A afirmação de confiança é uma passagem que faz parte de uma lamentação. No Salmo 38, esta declaração se faz presente (v. 10 e 16-17). O fundamento dessas declarações baseia-se nas experiências salvíficas do passado.

Eis que! Por ti, Javé, eu espero (*yaḥal*).
Tu responderás (‘*anah*), ó Adonai, meu Eloim.
Eis que! Eu dizia: para que eles não riam (*śamah*) de mim,
quando meus pés (*regel*) vacilarem (*mot*), eles triunfem (*gadal*) sobre mim (v. 16-17).

Essa subunidade inclui os versos 16-17. Para seguir a forma do lamento que adotou, o salmista, em vista de todas as tragédias e do abandono das pessoas que o cercam, faz uma declaração de confiança em Javé: “Por ti, Javé, eu espero” (v. 15a). A expressão “Tu responderás” completa o seu sentimento de confiança de que Deus vai ouvir o seu lamento. Após esta afirmação, ele procura reagir às ofensas dos seus inimigos. Essa resposta, na forma de lamento, é marcada por três partes, cada uma iniciada pela partícula descritiva *ki* (eis que) (v. 17.18 e 19). O verso 17 apresenta algumas dificuldades, pois a frase abandona a sequência lógica do argumento do compositor. Entretanto, duas possibilidades são aventadas na solução dessa dificuldade. Este verso poderia ser interpretado como uma maldição contra os seus inimigos (v.12-13 e 20-21), mas poderia, também, indicar uma forma cerimonial, em vista da expressão ‘*amar^eti* (eu disse) (Sl 31,23; 32,5; 39,2; 73,15). De qualquer forma, o salmista se mostra receoso de que os seus inimigos venham a zombar e tripudiar sobre a sua pessoa (WEISER, 1994).

8 Queixa e confissão

Enquanto a declaração de fé tem seu fundamento nas experiências salvíficas e históricas (v. 16) a queixa ou lamento faz uso de conceitos genéricos. É uma expressão espontânea que brota da realidade do sofredor.

Eis que! Eu estou pronto (*kun*) para o tropeço (*śela*’);
e a minha dor (*make’ob*) está sempre diante de mim.
Eis que! A minha transgressão (‘*awen*) eu receio relatar (*nagad*),
por causa do meu pecado (*ḥeṭe*’).
E as vidas (*ḥayim*) dos meus inimigos (‘*oyeb*) são poderosas (‘*ošem*);
e são numerosos (*rab*) os que me odeiam (*śana*’) falsamente (*śaqer*).
E os que retribuem (*šalam*) o mal (*ra’ah*) ao invés do bem (*tob*);

eles acusam (*śatan*) ao invés de perseguir (*radag*) o bem (*tob*) (v. 18-21).

No verso 18, a partícula *ki* (eis que), indica que o salmista vai revelar mais sofrimento causado por pessoas de sua comunidade. O uso do substantivo *śela* ‘(tropeço) não se refere à morte (Sl 94,17-18), mas à grave dificuldade na vida que o impede de viver feliz na sua comunidade (Jr 20,10). A outra resposta do salmista encontra-se nos versos 19-21. Novamente, ele está dividido diante dos motivos de sua desgraça: por um lado, ele confessa que é um transgressor (*‘awon*) e um pecador (*ħaṭa’t*) (v. 19). Por outro lado, ele se mostra temeroso com a agressão de seus inimigos que ele denomina *‘oyebay ħayim*, cujo significado é “inimigos da vida ou inimigos mortais”. Essas duas traduções dessa expressão hebraica são possíveis, já que no verso 13, o salmista fala sobre a perigosa presença de seus inimigos que armam ciladas e buscam maquinar contra sua vida e estimulam animosidade contra ele (v. 21).

9 Pedido final

O salmista volta a pedir pela ajuda divina. Pela linguagem que emprega, ele se sente abandonado e, naturalmente, tem pressa por receber a atenção divina.

Não me abandones (*‘azab*), Javé!
meu Eloim, não fiques longe de mim.
Apressa (*ħiš*) por meu socorro (*‘ezerah*),
Adonai de minha salvação (*teśu‘ah*) (v. 22-23).

Os versos 22-23 encerram o lamento do salmista com mais três pedidos. Os dois primeiros estão em tons negativos: “Não me abandones... não fiques longe de mim” (v. 22). Essa formulação mostra que o suplicante está receoso quanto ao isolamento dos que lhe são caros (v. 12), e acuado por seu sentimento de culpa (v. 19; cf. Sl 22,12.20; 35,22). O pedido final está formulado em tom afirmativo: “Apressa por meu socorro, Adonai de minha salvação” (v. 23). O uso do verbo hebraico *ħuš* (apressar), no imperativo, dá o tom de urgência dos pedidos formulados acima. Esse modo positivo de pedir ajuda a Javé é frequente, nos lamentos (Sl 22,20; 40,14; 141,1). O verso 23b encerra a queixa do salmista, dirigindo-se diretamente a Deus, pela sexta vez (v. 2.10. 16.22 e 23). A expressão “Adonai é a minha salvação” é significativa para o fechamento deste lamento. Trata-se de uma declaração de fé e confiança que resume toda a vida de sofrimento do salmista.

Os/as pesquisadores/as da Bíblia procuram encontrar evidências de rituais de cura entre os povos do Antigo Oriente Médio. Com isso, eles/as poderão localizar sinais desses rituais junto ao povo de Israel. O Salmo 38 é um dos poucos textos que sugerem tão somente a existência de um ritual de cura em Israel. Todavia, esta suspeita de aproximação não passa pela intenção do salmista. No seu pedido (v. 22-23), ele desfaz qualquer suspeita, porque em lugar de um guia humano para o ritual de cura, ele declara que a sua busca e confiança estava na intervenção de Deus. O uso triplo do nome da Deus - Javé, Eloim e Adonai – adorna o seu pedido e confirma a sua intenção.

10 Notas conclusivas

Exceto algumas expressões de confiança, presentes, especialmente, nos versos 16 e 22-23, o resto do salmo é uma verdadeira reportagem sobre a angústia do salmista: “não há saúde em meus ossos (v. 4a); minhas feridas tornaram-se fétidas e podres (v. 6); meus lombos ardem de queimaduras, e não há parte sadia em minha carne (v. 8); meu coração palpita, minha força abandona-me; a luz dos meus olhos não está comigo (v. 11); minha dor está sempre diante de mim (v. 18b)”. O detalhe que faz deste lamento ser diferenciado é a compreensão que norteia o pensamento do salmista. Para ele, o sofrimento é visto, ao mesmo tempo, como uma disciplina divina. Mas o salmista não fica no lamento da dor: ele revela confiança (v. 10 e 16-7). Realmente, nos assustamos com os muitos motivos de queixa apresentados pelo salmista. Porém, se analisarmos cada Salmo de Lamentação podemos perceber que os fiéis sofriam desastres e levavam para o culto as suas dores com confiança na resposta divina. O seu lamento não era um murmúrio e uma reclamação sem esperança (Ex 16,2; Nm 14,2.27).

Este salmo ressalta detalhes que fazem acordar para o exercício do trabalho pastoral. Diante do sofrimento causado pela enfermidade, o carente salmista sente falta de seus amigos, seus companheiros e vizinhos. Eles afastaram-se dele e não quiseram saber de sua enfermidade. Trata-se de um vigoroso desafio, pois apesar de toda sua confissão pessoal e confiança em Javé, ele revela a carência da amizade dos humanos. Todavia, o salmista confiava e esperava pela mão de Deus. Os versos 22-23 revelam que o seu lamento não era um murmúrio.

Referências

- ALBERTZ, Rainer. *Historia de la religión de Israel en tiempos del AT*. Madrid: Editorial Trotta, 1999. v. 1-2.
- BORTOLINI, José. *Conhecer e rezar os Salmos: comentário popular para nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2000.
- GERSTENBERGER, Erhard. *Psalms, Part 1*. Grand Rapids: Eerdmans, 1988.
- GERSTENBERGER, Erhard. *Como estudar os Salmos?* São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015.
- GONZÁLEZ, Ángel. *El Libro de los Salmos*. Barcelona: Editorial Herder, 1977.
- KRAUS, Hans-Joachim. *Teología de los Salmos*. Salamanca: Sígueme, 1985.
- WEISER, Artur. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994.